

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 638



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO
ARCINHO

O PINTASSILGO GULOSO

por LEONOR de CAMPOS

Sol e dó é um pintassilgo de estimação. Vive em gaiola dourada, na casa alegre e clara do Zézinho.

Logo de manhã, o pequeno salta da cama. E o seu primeiro cuidado é mandar limpar a gaiola de *Sol e dó*. Ele próprio lhe vai deitar alpista no comedouro e água fresquinha no bebedouro.

Sol e dó é um passarinho feliz.

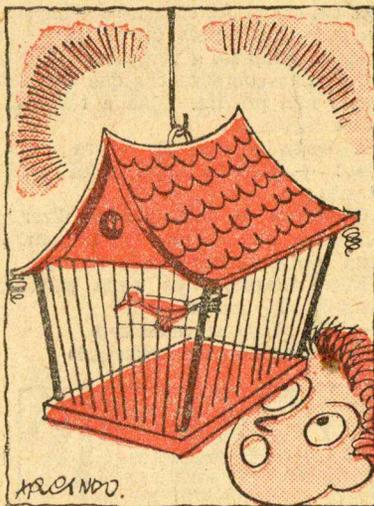
Mas deram, há tempos, ao Zézinho, um riquíssimo pão de ló. Era delicioso. E um dia em que saboreava uma fatia, muito regalado, o rapazinho lembrou-se:

— «E se eu desse um pedacito ao *Sol e dó*? Talvez ele gostasse...»

E, por entre as grades, introduziu na gaiola o petisco.

Ora, o *Sol e dó* nunca na sua vida provara tão bom manjar. Comeu o que o Zézinho lhe deu... e ficou à espera de mais.

E éle, que cantava, cantava sempre, de manhã à noite, em trinados, ora vibrantes e alegres, ora suaves e doces, deixou de gorgear. Da sua garganta de guloso, apenas saíam uns sons roucos e antipáticos. Quem entendesse a



fala das aves, poderia traduzir assim os seus *piu-pius*:

— «Quero mais docuras!...
Quero pão de ló!...
O' Zézinho atende
o teu *Sol e dó*!...»

Repiu, piu, piu, piu!...
Serrapico pico!...
Esse pitéuzinho
é bom pr'ó meu bico!...»

Ora, o Zézinho não percebia o que éle queria. Apenas compreendia que o seu *Sol e dó* não cantava como dantes. Estaria doente o pássaro?

Cheio de cuidado, levou-o ao veterinário que, como os meus amiguinhos sabem, é o médico dos bichos.

Nenhuma doença se lhe encontrou. O Zézinho estava desanimado, pois *Sol e dó* teimava em não cantar.

Até que, um dia, o irmão mais novo do pequeno, lembrou:

— «E se tu abriesses a porta da gaiola ao pintassilgo?»

— «Talvez tenhas razão!... Já agora, não vale a pena ter em casa um bicharoco com aparência de pintas-

silgo e que pia como um mocho!...»

Ora, estava junto dos dois irmãos, durante esta conversa, o gato Ladino. Enroscado na sua almofada, o bichano fingia dormir. Mas não. Prestava a maior atenção ao que diziam os donos.

E apenas ouviu falar em abrir a porta da gaiola ao pintassilgo, levantou-se dum salto, espreguiçou-se, lambeu os bigodes e exclamou, na sua linguagem:

— «Rica idéa!... Se fôr por diante, tenho, hoje, um jantar de truz!... Deves ser bom petisco, amigo pintassilgo!...»

Eriçaram-se as penas de *Sol e dó*. E, num gorgueio muito tremido, indagou:

— «O quê, Ladino? Tu tinhas coragem de comer o teu velho amigo e companheiro?»

— «E' como dizes!... Vais saber-me a pouco!... Sou guloso, como tu!...»

— «Mas eu fujo para longe!... Voa-rei para a linda mata onde nasceram os meus avós!...»

(Continua na página 3)



O RELÓGIO de PULSO

por JUDITE D'OLIVEIRA AFONSO

Naquele ano os *senhores*, como lhe chamavam, vieram para a quinta logo depois do exame do filho mais velho, o Carlinhos, que ficara aprovado no seu 3.º ano do liceu. O pequeno vinha inchado que nem um peru, quando o irritam com gritos e assobios... Tantas lisonjas ouviu pela boa nota que alcançara que, tendo sido até aí simples e duma alegria franca, surgiu nesse ano no meio dos rapazinhos rústicos que eram os seus habituais companheiros de férias, com um ar comedido e pretencioso, impróprio da sua idade, e de atitudes arrogantes que a todos surpreenderam e desgostaram.

O Quim, o filho do caseiro, mais ou menos da mesma idade, era o único a quem ele ainda se dignava dar um pouco de importância. Passeavam juntos e Carlos descrevia-lhe, então, a sua vida na cidade, as brincadeiras, os estudos, o seu exame e as festas que lhe haviam feito.

O pobre Quim, de olhos muito abertos, ouvia-o deslumbrado. Sempre tivera por esse elegante amigo um respeito misturado de inveja e de admiração, que lhe faziam parecer desprezível e infeliz o seu humilde viver. Então nesse ano, Carlos, na sua tã valdade mais exacerbava este estado de espirito com a sua atitude de superioridade e com a ostentação de todas as prendas que havia recebido.



Entre essas havia uma que começou a dansar diante dos olhos do Quim com uma insistência diabólica: o lindo relógio de pulso, prenda da avózinha. E um dia aconteceu!... O Quim tinha entrada livre na casa; passou à porta do quarto... O relógio esquecido estava a jeito e... a ocasião faz o ladrão... Foi um momento!... Quim, a princípio, com a alegria da posse, pensou só em esconder o fruto do seu roubo. Depois, a pouco e pouco, foi caindo em si!... Viu a inutilidade de tal acção, pois nunca poderia usar o relóginho e conheceu o tormento que a sua alma, limpinha até aí, nunca imaginara: — o remorso.

Esta impressão tornou-se-lhe intolerável ao pensar que não poderia res-

tituir o objecto sem que todos lhe chamassem ladrão. Fugia de Carlos que ainda não tornara a ver.

Mas, uma tarde, este convidou-o a ir com ele a casa de D. Clara, uma velha dama, cuja bondade era já proverbial por aquelas terras. Ela era o anjo bom da criançada, que a adorava. E, assim, quando os dois lá chegaram, estava a casa cheia de crianças, a quem ela costumava ensinar doutrina e dar um lanche.

Pelo caminho, dissera Carlos:

— «Sabes, Quim? Desapareceu o meu relógio de pulso. A minha mãe desconfia da Margarida, a criada nova e já lhe disse que ou o apresenta ou a manda prender, pois não podia ser senão ela.»

Joaquim fez-se lívido e não respondeu. Na sua pobre cabeça baralhavam-se mil sentimentos diferentes: — o medo, o remorso, a vergonha... E meditava nas complicações que surgiam e que não previra. Toda a tarde estivera taciturno.

A certa altura, D. Clara exclamou: — «Tenho aqui uma linda prenda.

Cada um de vocês vai-me dizer o que, quere ser, quando for homem. E para o que melhor escolher.»

Entre alegres risos, cada pequeno dizia a sua aspiração:

— «Eu quero ser moleiro!»

— «Eu quero ser taberneiro!»

— «Eu quero ser soldado!»

D. Clara, rindo também, a todos fazia a sua observação. Por fim, exclamou:

— «E tu, Carlitos, vá, dize, também?»

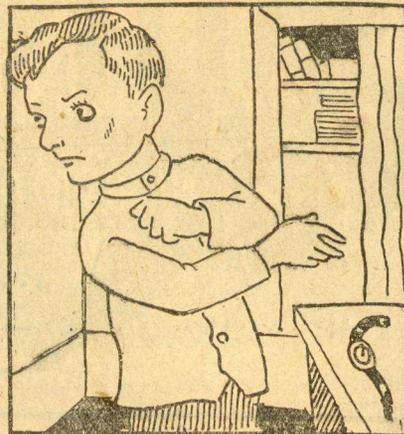
Importante, Carlos proferiu, certo de ganhar a prenda, pela qual, aliás, mostrava um manifesto desdém:

— «Eu hei-de ser engenheiro.»

— «Bravo! E tu, Quim? Estás hoje tão calado? Vamos, rapaz, que é isso?»

Quási convulsivamente, sem levantar os olhos, o Quim exclamou:

— «Eu quero ser um homem honrado!» E baixou a cabeça, subtraindo-se ao fino olhar de D. Clara e aos risos dos companheiros.



— «Muito bem; foi o Quim quem ganhou.

Vá digam todos para mostrarem que não ficam invejosos: — Viva o Quim!»

— «Viva!»

Foi uma confusão! Mas ela, melhor que ninguém, entendia a pequenada!

Depois de Quim, contrafeito, receber a prenda e da petizada se retirar, D. Clara chamou o pequeno a outro aposento, sob o pretexto de lhe dar um recado para o pai. E ali, em face da imensa simpatia daquela alma generosa, Quim, interrogado, desabafou, aliviou a consciência torturada.

Passados dias, a mãe de Carlos, recebeu o relógio da mão de D. Clara que lhe declarava ser impossível denunciar o ladrão, pois já estava arrependido.

E assim, pelo seu fino tacto e generosidade, aquela excelente criatura praticou uma boa acção que só Deus conheceu, reconduzindo ao bem uma consciência que uma tentação fizera transviar e que a falta de coragem para a reparação, podia perder irremediavelmente.

De facto, no imenso resvaladouro que é o crime, o mal está em pôr-lhe o primeiro pé e não haver mão amiga que nos ajude a retirar a tempo. D. Clara foi essa mão salvadora e, parecendo que foi benevolente, não o foi, pois souz logo atribuir ao Carlinhos a parte da responsabilidade que lhe cabia naquele caso, em que ele fizera verdadeiramente o papel da serpente perante indefesa avesita...

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Nos concursos de poesias e contos infantis, relativos à 5.ª Quinzena, foi apenas classificado com um segundo prémio o conto: — O relógio de pulso de «Beiroa Altiava», que publicamos neste número, e com menções honrosas o conto: — História e histórias de Carlos, e a poesia: — «Duas joias, dois amores» de «Emecépê».

PENSAMENTO

«Estamos sempre prontos a aconselhar a paciência aos outros; para os males alheios ela nunca nos falta. — C. Diane.

Lê, minha menina...



As férias da Páscoa surgem, com dias claros e alegres, dias cheios de Sol e céu azul, límpidos, suaves, tranquilos... Nas vossas casas, minhas queridas meninas portuguesas, haverá flores e risos e amêndoas e folares e alegria e conforto.

Mas tu, minha querida menina portuguesa, já pensaste um pouco, já meditaste na tristeza dos lares pobrezinhos, das casas miseráveis dos meninos pobres, onde não entra uma amêndoa, nem, talvez, um pequeno raio de Sol?

E olha que essas criancinhas desprotegidas, entendem a vida e desejam-na como tu! Têm os mesmos olhos, que se encantam com as coisas bonitas; as mesmas bocas, ansiosas por gulodices; os mesmos desejos, o mesmo paladar, as mesmas necessidades, os mesmos sonhos.

Esquece-te, um pouquinho de ti, minha querida menina portuguesa e conduz o teu pensamento para junto dos pequeninos seres que adivinham, mas não sentem, os prazeres infinitos da vida.

Reparte com eles, o teu foliar; deita-lhes no regaço algumas amêndoas não no gesto antipático de quem sobranceiramente dá uma esmola, mas na atitude caritativa e comovente de quem reparte, fraternalmente, o seu quinhão. Com certeza que já sentiste, muita vez, a alegria imensa de praticar o Bem.

Dize-me: — não te sabem, depois, melhor as tuas amêndoas?

O teu foliar não é mais saboroso?

E no teu coração, minha querida menina portuguesa, não sentes um bem-estar mais doce do que todos os folares, mais consolador do que todas as amêndoas?

E' o Sol espiritual da Bondade que te ilumina a alma, é o farol da tua consciência brilhando numa luz mais pura e mais intensa.

Vamos, minha menina, faze-me a vontade!

Leva aos lares pobrezinhos uma parcela da tua Bondade, um pedacinho do teu coração.

Tua amiga

GRACIETTE

CORRESPONDENCIA

—MARIA GERMANA—FARO.— Muito engraçado o teu postal. As mentirinhas é que não têm graça, porque podes habituar-te... Acredita que sou tua amiga e quero saber-te uma menina perfeita e exemplar.

—MARIA EDITE SENA.— Muito bem. Conheces os teus defeitos e as suas consequências. Sendo assim (e como o teu postal me mostra que és inteligente) confio na tua promessa de te emendares. Para concorreres ao concurso: «Encontra rimas e fixa conceitos» deves colecionar os versos e os desenhos que se publicam e, terminado o concurso enviar o caderno à redacção. — Saudades.

—MARIA DE LOURDES DOS SANTOS ALBUQUERQUE.— Vou transmitir o teu pedido à Abelha Mestreira, que vos atende sempre, com muito prazer. Com que então... és traquinas, mandriona e mentirosa?! Tanto defeito para uma menina de 11 anos! Valha-me Deus! Tu prometes emendar-te; mas... posso ficar, descansada? Dize-me que sim! Se não te emendasses, deixaria de ser tua amiga. E... não tinhas pena?! Emenda-te. Peço-te isto, de todo o coração.

—MARIA AMÁLIA DUARTE SANTOS.— Vou transmitir o teu pedido à Abelha Mestreira.

—MARIA SUSETTE TORRES PERES.— O' minha patetinha: como queres tu que eu saiba se ainda nem sequer os vi?! Eu só adivinho se as meninas são boas ou más. Se os versos são bons, só lendo-os Percebeste? Manda-mos e depois te informarei. Estou contente por saber que tens mudado. Beijinhos.

—CARMELITA—FIGUEIRA DA FOZ.— Continuo a achar-te imensa graça, minha querida Carmelita. Então... já não estás gulosa porque o Senhor Amaral te tirou dois dentes?!... Se continuasses a ser gulosa, êle arrancava-te os dentes todos. Vê lá! Que bonito!...

Os caracóis continuam? Que maçada, Carmelita! Ao menos não faças muitos! Esses retratos que saíram no «Pim-Pam-Pum» deviam pertencer a meninas mais velhas. Se persistes em fazê-los, ficas com a alcinha. Muitos beijinhos.

—MARIA ADELIA TOJO—MURTEIRA.— Gostei muito da tua cartinha e acredito que também sou muito tua amiga. A tua irmã deve ser muito engraçada. Não sejas traquinas para eu continuar a ser tua amiguinha.

—LOURDES DA GLÓRIA RAMALHO.— Com algumas modificações, os teus versos podem sair no «Pim-Pam-Pum». Estão engraçados e a ideia é interessante. Não sejas teimosa, para continuares a ter a minha amizade. Creio que é êsse o único defeito que tens. E... não é pequeno.

—MARIA JOÃO D'AGONIA BALTAR.— Obrigada pela tua cartinha em verso, que muito apreciei. Sou muito tua amiguinha e peço-te que faças o possível por merecer sempre a minha amizade. Um abraço apertado.

—FLOR CAMPESTRE.— Fiquei muito satisfeita por me dizeres que não és vaidosa. Ainda bem. Pode-se ser muito boa e bonita, desde que surja a validade, toda a beleza desaparece.

Sê sempre boa menina e aprende, com amor e atenção, tudo o que os teus Paizinhos te mandarem ensinar. Gostava que me mandasses o teu verdadeiro nome. Flôr campestre... já se não usa. Agradeço os beijinhos que mandaste para o meu Filho.

Beijinhos para ti.

—MARIA DA ENCARNACAO FERREIRA COSTA—ANDORINHA.— Um grande chi-coração, por seres tão ajuizada e estudiosa. Estou muito contente contigo. Transmitirei à Abelha Mestreira o teu pedido. Obrigada pelos beijinhos. Um grande abraço.

O PINTASSILGO GULOSO

(Continuação da página 1)

— «E onde é ela?»
— «Isso não sei. Mas perguntarei aos outros passarinhos!...»

Ladino abriu a boca, de orelha a orelha:

— «Ah!... Ah!... Ah!... Deixa-me rir, que estou muito divertido!... Não vês, meu pateta, que um passarito como tu, nascido e criado em gaiolas douradas, não pode fazer longas viagens? Isso de grandes vôos é para as aves criadas em liberdade, que não são alimentadas a alpista e pão de ló!...»

— «Mas, então... que comida é a sua?»

— «Comem o que podem arranjar!... Trabalham desde manhã até à noite... Se apanham uns grãosinhos de milho, é uma festa!... Mas a maior parte das vezes contentam-se com lagartas, minhócas e outros bichos deste género!...»

— «Minhocas? Eles comem minhocas? Mas que grande porcaria!... Até estou agoniado!...»

— «Coitadito!... — miou o gato, com certo desprezo. — E és tu que, com tanta facilidade te enjões, que falas em grandes vôos!... Não há dúvida!... Cais-me no estômago, não tarda nada!...»

— «Mas eu sou forte!... Se não puder voar para longe, defender-me-ei de ti à bicada!...»

— «Também não és capaz disso!... Os outros, os que estão habituados a tudo, ao frio, à chuva, às minhócas e à fome, são fortes, valentes, capazes de se defenderem. Mas tu...»

— «Então... para que sirvo eu?»

— «Para nada. Até aqui, enquanto cantavas, eras útil. Todos nós temos na vida uma missão: a minha é cacar ratos. A tua, é alegrar os donos. E' êsse o nosso trabalho, é o nosso dever. Se o não cumprirmos, somos uns inúteis, não merecemos a comida que nos dão...»

Portanto, meu caro, é de toda a justiça que o teu corpinho, ainda bonito e rechonchudo, mas que para nada serve, venha parar à minha boca, venha dar prazer ao meu paladar, porque sou um bicho trabalhador e com préstimo!...»

Sol e dô ouviu o longo discurso do Ladino e ficou pensativo.

Mas, de súbito, exclamou:

— «Tens razão, amigo. Fico-te muito grato pelas tuas palavras e pelos elogios que fizeste ao meu corpinho. Mas... julgo que ainda não é desta que o teu paladar se regozijará com um pintassilgo. Vou cumprir o meu dever...»

Afiou o biquito, sacudiu as asas, bebeu um golinho de água e...

... da sua garganta privilegiada brotou, como por encanto, um manancial puríssimo de notas lindas.

E Sol e dô compôs logo uma canção, cheia de trinados e gorgeios, dedicada a Ladino.

(Continua na página 7)



LIÇÃO da POBREZA

Por ALBERTO NEVES

A Riqueza,
Tôda cheia de esperteza,
Certo dia,
Foi visitar a Pobreza.

Percorreu
Todos os cantos á casa
Dessa honesta
Quão modesta
Criatura;
A qual
— Sempre sincera, leal,
Sempre pura... —
Com cortezia,
Candura
E ternura,
Lhe dispensou
Uma bela recepção.

Mas a Riqueza
Só queria
Ver
Como vivia
A Pobreza
Naquela casa tão pobre...
E, ao vê-la sentada á mēsa,
Tendo para o seu almoço



Três Irmãos Unidos

Por AGOSTINHO
DOMINGUES



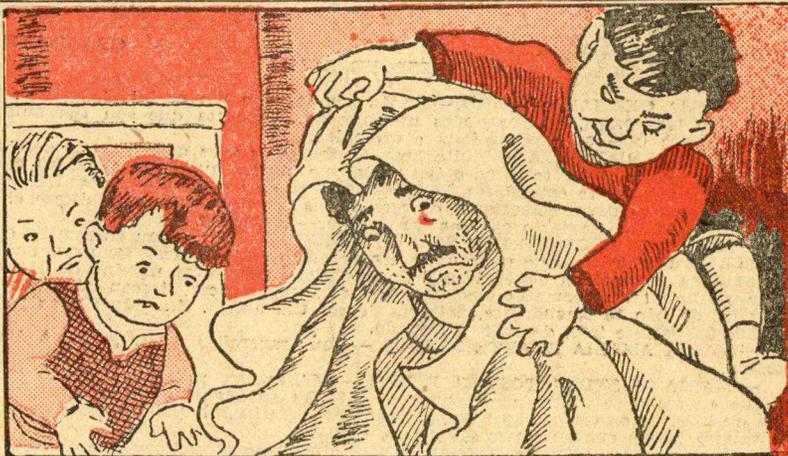
NA fechadura da porta da rua desandou, leve e cautelosamente, uma chave que não era a sua. Augusto, Bernardo e Carlos, três irmãos-inhos órfãos de pai, faziam, no seu quarto, as obrigações escolares para o dia seguinte. Como a mãe partira para a cidade, dizendo que só estaria de volta às 8 horas da noite e ainda não eram 6, os três irmãozinhos interrogaram-se, mudamente, com olhares assustados, ao presentirem que alguém entrava em casa, assim, sorrateiramente, sem nada dizer, ao contrário do que costumava acontecer.

O Carlitos, mais novo dos três, ia mesmo já a abrir a bôca para soltar um grito aflitivo, mas Augusto, o mais velho de todos, tapou-lha com a mão, dizendo, em seguida, de forma que só eles ouvissem:

— «Que valeria gritar? A nossa casa está tão longe das outras que ninguém nos ouviria, a não ser o intruso que, em vez de fugir, se dirigiria para aqui, fazendo-nos calar à força.»

— «Então, que havemos de fazer?» — inquiriu Bernardito, assustadíssimo, por que já ouvia abrir gavetas e revolvêr papelada e roupas.

Augusto, que verificara, pelos passos, não estar a ser assaltado por mais de um



Apenas uma sardinha.
E uma côdea de pão,
Exclamou com ironia:
— «Coitadinha,
Desgraçada...
Tu não tens
Vergonha de comer isso;
Mesmo aqui, á minha frente?»

Levantou-se a outra, e diz:
— «Senhora D. Riqueza
Desculpe a minha ousadia,
Todavia
A minha
Humilde e pobre casinha
Não tem,
Mas bem pode — quem sabe!? — vir
a ter

A fatura
Que no seu lar existe...

Ai, tudo isto é bem triste;
Porém,
Ninguém está livre disto,
Ninguém!
Saiba bem
Que eu, também,
Tive o nome de Riquez
E hoje sou a Pobreza!»

Calou-se a outra, chorando.

Meus meninos, reparai:
Não se despreza
A pobreza,
Pois, a Riqueza
— Ouçam bem! —
Nasce, mas pode,
Às vezes, morrer também!...

gatuno, esforçando-se por dominar o nervosismo, que lhe prendia a língua e os movimentos, ordenou:

—«Escondam-se ali, atrás da porta. Eu levo para lá, também, esta mesita e suco para ela. Quando o gatuno entrar aqui, não terá tempo de nos vêr, porque eu, saltando-lhe logo ao pescoço, tapo-lhe a cabeça e os olhos com a colcha da cama. Entretanto, vocês agarram-se-lhe às pernas e depois veremos... Não se esqueçam de que temos de vencê-lo, custe o que custar. Se o não conseguirmos, arriscamo-nos a morrer.»

Todos se puseram a postos e, contendo a respiração e os nervos, aguardaram, ansiosos, a entrada do ladrão, que, decerto, tinha sabido da ausência da dona da casa.

Depois de remexer tudo no quarto desta e na sala de mesa, o gatuno, com um à vontade que o silêncio da casa e a ausência de vizinhança lhe asseguravam, abriu a porta do quarto dos órfãos, e dirigia-se, como uma seta, ao baú, que estava em frente, quando Augusto se lhe engalfinhou no pescoço, ao mesmo tempo que lhe envolvia toda a cabeça com a colcha.

Bernardito e o irmão mais novo, agarrando-se imediatamente às pernas do assaltante, fizeram-no baquear, pesadamente, como um fardo, no meio do quarto.

Seguiu-se uma luta tremenda, de vida ou de morte para os três órfãos, que não esperavam ter de bater-se com um homem que era um autêntico gigante!

O gatuno, rugindo como uma fera e esbracejando como um louco, procurava desembaraçar-se da colcha que lhe vendava os olhos, enquanto Augusto, escarranchado nas suas costas, lha apertava cada vez mais, torcendo-a na base da nuca, e o socava no nariz e em toda a cabeça.

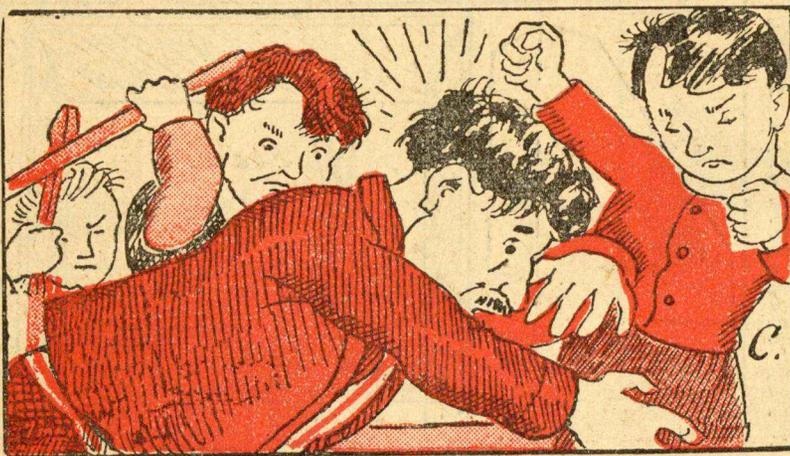
O quarto era pequeno para tão grande luta.

Bernardito e Carlitos, que cavalgavam cada um uma das pernas do ladrão, eram, de quando em quando, arremessados violentamente contra as paredes, mas voltavam logo a encavalitar-se, para auxiliarem o irmão.

Este, que conseguira, até certa altura, dominar debaixo de si o larápio, ia já, cansado de lutar, ser subjugado pelo gigante, que conseguira desvendar os olhos e atirar ao chão o seu adversário, quando Carlitos regressava da cozinha, com a vassoura e uma tenaz.

Foi, então, que começou a memorável tunda no desgraçado gatuno.

Eram Bernardito, com o cabo da vassoura; zumba, catapumba! Carlitos, com



a tenaz; zás-pás-trás! e Augusto, com os punhos fechados: bimba, bimba! na cabeça, nas costas e nas pernas do bandido. Em todo aquele malfadado corpo chovia, pancadaria e criava bicho! De tal forma, que o gatuno já não rugia improperios e ameaças. Gemia, gritava e implorava compaixão.

Como os três irmãozinhos não queriam matá-lo e já viam jorrar-lhe sangue da cabeça, propuseram-lhe estas condições de paz: 1.ª — Deixar esvasiar ali as algebras; 2.ª — Sair de rastos até à rua; e 3.ª — Não voltar a importuná-los.

O gatuno aceitou e, depois de cumprida a primeira condição, arrastou-se, gemebundo, até à porta da rua, seguido pelos três irmãozinhos, prontos a descarregar-lhe pauladas na cabeça, se tentasse levantar-se.

Quando já estava na rua, Augusto, com um pontapé de escárneo, disse-lhe: —«Agora levanta-te e caminha. Que esta te sirva de lição para toda a vida.»

Depois de lhe fecharem a porta nas costas, os três órfãos, pensando na força que lhes dera a sua união, foram à janela, para verem afastar-se o larápio, que ainda ia perto, vagarosamente e coxeando, como lobo que foi por lá e ficou toquiado.

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Se um dia tiver fortuna,
Que possa manter criada,
Nunca serei import...
Com ela, mas delic...!

Tratá-la-ei com bondade,
Sem nunca ser exigente,
Não esquecendo a verd...:
Quem serve, também é g...!



Uma pequenita, um dia,
Em conversa com seus pais,
Disse à mãe, a quem qu...
Que, na vida, amasse m...!

A' loura filha, sorrindo,
Respondeu, então, a mãe:
— «A quem fez o céu tão l...,
Ao bom Deus, mais que a
ning...!»

O Cestinho da Costura

SECÇÃO PARA MENINAS, por ABELHA MESTRA

Minhas queridas abelhinhas:

Quando vocês acabam os vossos trabalhos, naturalmente — (está mesmo daqui a Abelha Mestre a ver!) — quantas não deixarão a agulha espetada ou caída por qualquer parte!

Depois, novamente, ela é precisa e, então, vem as aflições e canseiras!

Ora quantos cuidados esta pequenina pregadeira vos pode poupar!

Feita em feltro de várias cores, fica muito bonita e torna-se um elemento muito útil no vosso cestinho da costura.

Fazem a roseta do fundo em encarnado e também aplicam a mesma cor para a parte redonda, do meio.

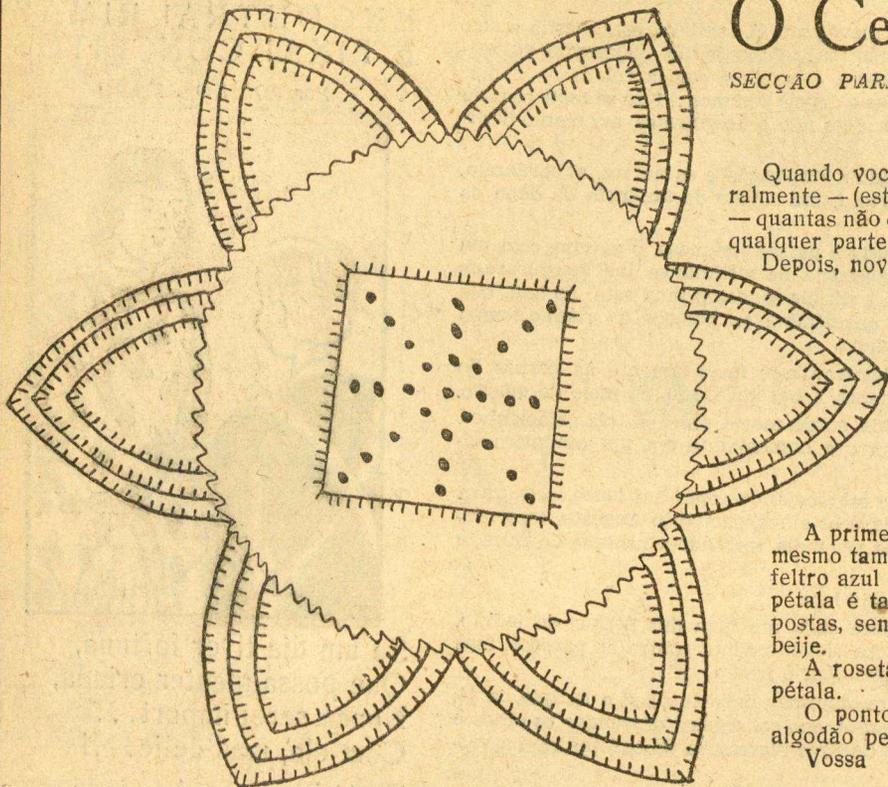
A primeira pétala é feita com três camadas do mesmo tamanho, sobrepostas, sendo a de cima em feltro azul e as anteriores em beije. A segunda pétala é também feita com três camadas sobrepostas, sendo a de cima amarela e as interiores beije.

A roseta encarnada do fundo, faz a terceira pétala.

O ponto de recorte e nòzinhos são feitos em algodão perlé preto.

Vossa

ABELHA MESTRA



A
N
O
S
S
A
C
O
N
S
T
R
U
Ç
Ã
O

Quem quer um preto a dansar?
Vamos a ver qual de vós, meninos engenhosos, armará esta construção, que, a ser bem armada, ficará muito engraçada e causará sensação.

(E esta? Sem querer rimei, hein!?)

Ora pois:

Colem, em primeiro lugar, as peças 1 e 2 em cartão muito forte e, as outras, que formam o pretinho em cartolina fina.

Armem, em seguida, a primeira, depois de abrirem a ranhura e os furos, fazendo uns vincos, pouco profundos, com um canivete, nos sitios tracejados, para dobrar melhor. Depois armem o preto, prendendo os braços e as pernas com umas linhas que se enfiam nos respectivos furos e se prendem com uns nós, dados dum lado e doutro, como se vê no esquema 1.

Colem, a seguir, a peça n.º 2 no meio das costas da figura à altura da letra I que se vê na mesma peça. Ver esquema n.º 2.

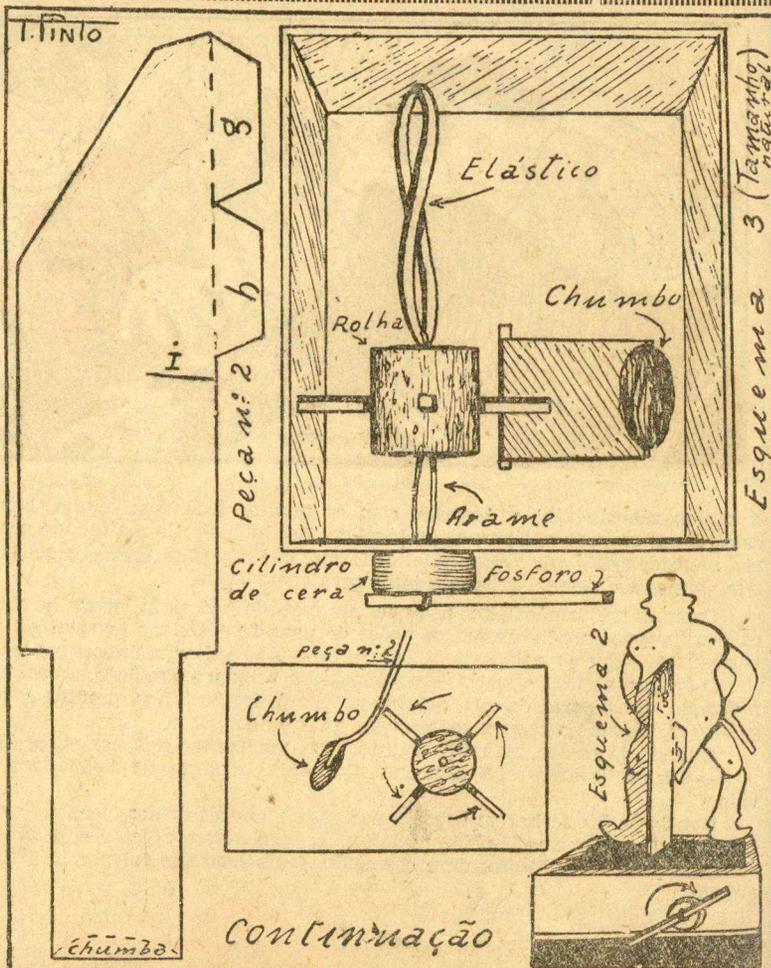
Para o «motor» do brinquedo são precisos os seguintes objectos: meia rôlha, 4 metades de fósforos, 1 fósforo inteiro, 1 cilindro de cera, 1 elástico, daqueles de que se servem os ourives, 1 arame e um bocadinho de chumbo, e isto tudo que seja do tamanho que se vê no esquema 3.

Armem tudo como está no mesmo esquema. A rôlha que fique bem presa ao arame que a atravessa, para girar convenientemente como ele. Enfia-se, a seguir, a peça n.º 2 na ranhura que se vê na peça n.º 1 e prende-se-lhe o chumbo da parte de baixo, mas apenas o peso suficiente para o preto ficar vertical e de forma que os fósforos, quando em movimento, o possam fazer balouçar, sem encontrar grande resistência.

E' pois, o movimento desta peça que faz balouçar o preto; os próprios braços e pernas tomarão posições engraçadas. A corda dá-se, fazendo girar o fósforo inteiro, no sentido que se vê no esquema 2. Dar, também, à peça n.º 2, a forma que se vê no esquema 4, para os fósforos não embirrarem no chumbo.

E, por hoje, adeus!

T. P.



PRETO
DAN-
CARI-
NO

O PINTASSILGO GULOSO

(Conclusão da página 3)

A canção dizia assim:

— «Quero viver e cantar,
Dó-sol-e-dó, sol-e-dó!...
Quero a gaiola e a alpista!...
Já não quero pão de ló...
Amigo Ladino:
hoje, ao teu jantar,
gordo pintassilgo
não há-de papar!...
Contenta-te, pois,
bichano marau,
com umas espinhas
de bom carapáu!...
Dó-sol-e-dó, sol-e-dó!...
Não me importa o pão de ló...»



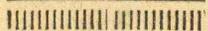
E nunca mais o Zézinho pensou em abrir a porta da gaiola ao seu lindo pintassilgo...

F I M

O QUEIJO,

OS RATOS

E O GATO

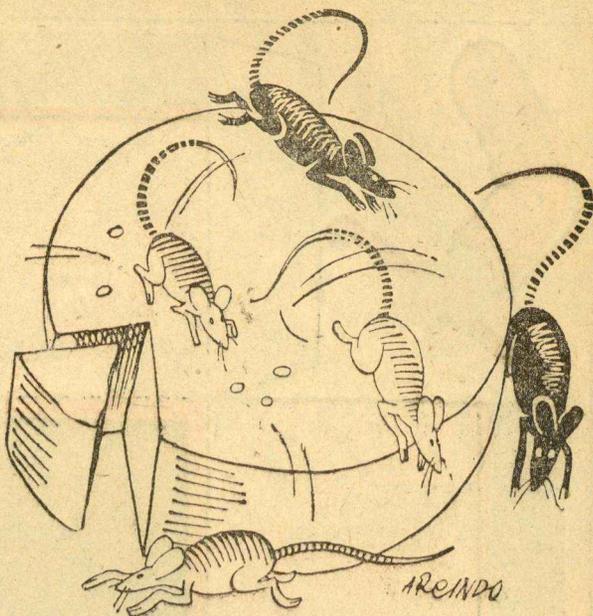


Meus meninos:

Cinco ratinhos
assaltaram uma
despensa e encon-
traram o belo quei-
jo que aqui vedes.

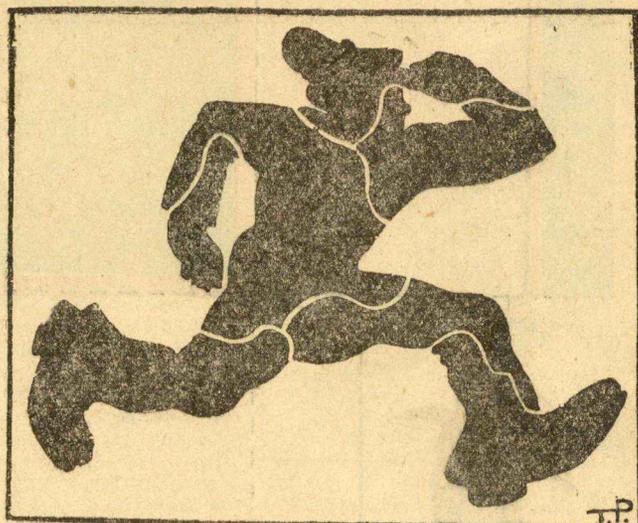
No melhor da
festa, porém, pres-
sentiram Mestre
Carocho e fugiram.

Digam-nos, ago-
ra, onde está o
gato?



A
D
I
V
I
N
H
A

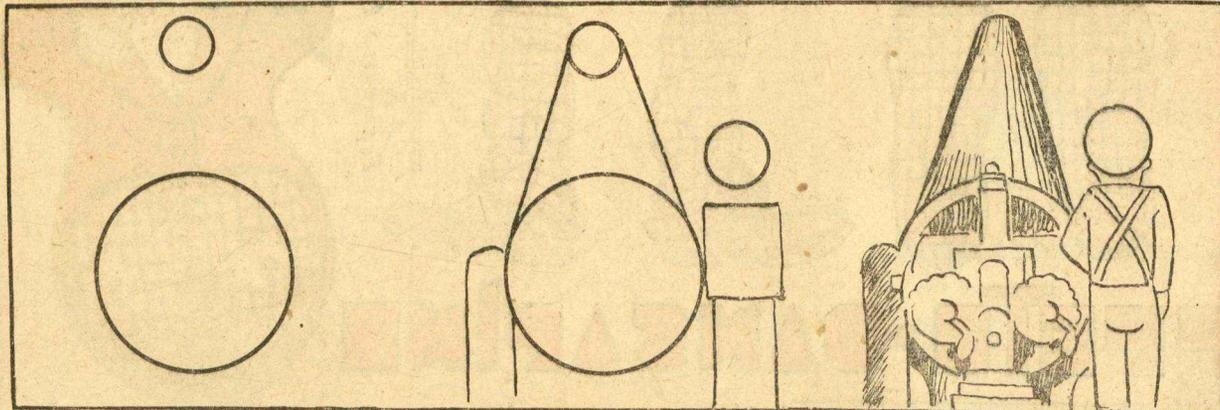
A
G
A
R
R
A
!
A
G
A
R
R
A
!



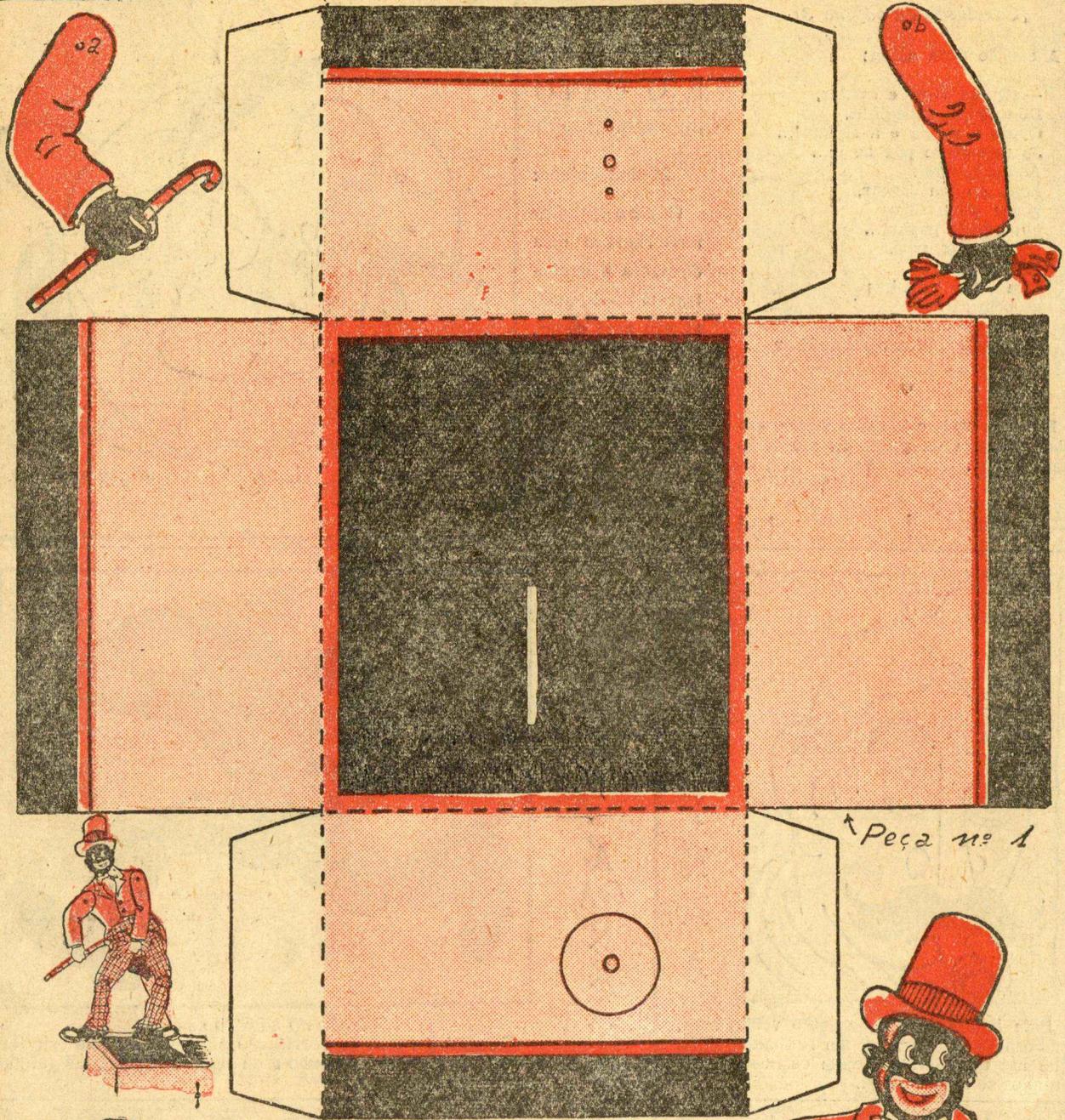
Este homenzinho, que estão vendo aqui, embora não pareça, é um refinado patife, que até usa pistola. Vejam os nossos amiguinhos se a encontram.

Solução do número passado
Cá está a razão da corrida. O polícia perseguia este terrível facinora, autor do roubo e da morte de... várias galinhas, galos e coelhos.

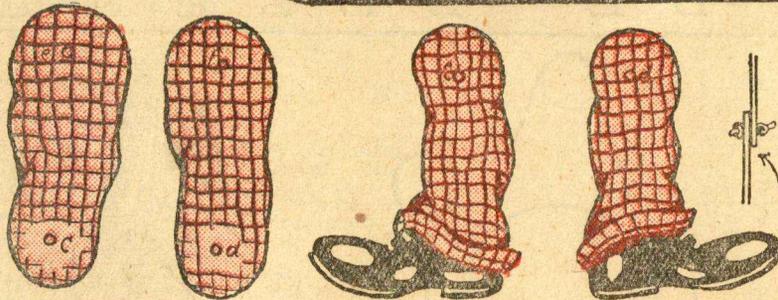
L I Ç Ã O D E D E S E N H O



C o m o s e d e s e n h a u m c a n h ã o



Peça nº 1



Esquema 1



PRETO-DANÇARINO

por TAVARES PINTO